

Resenha do livro *A função psicológica do trabalho* de Yves Clot¹

Maria Elizabeth Antunes Lima

Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais

A recente publicação no Brasil da primeira obra de Yves Clot representa um passo fundamental para a consolidação dos nossos conhecimentos no campo da Psicologia do Trabalho. Ao propor um tratamento inovador das questões psicológicas presentes na relação do homem com sua atividade laboral, Clot oferece subsídios essenciais para todo psicólogo cuja prática for pautada pelo desejo de ultrapassar a perspectiva tradicional de adaptação do indivíduo às exigências da produção e de assumir um compromisso com a transformação dos contextos de trabalho de modo a torná-los mais compatíveis com as necessidades humanas.

O autor desenvolve suas reflexões indo na contramão de certas correntes filosóficas contemporâneas que preconizam o “fim do trabalho”, afirmando que esse deixou de ser central, tanto na organização da sociabilidade, quanto no processo de auto-construção humana. Ou seja, há algum tempo, uma polêmica vem se instalando no nosso campo de estudos, levando-nos a uma verdadeira encruzilhada e impondo, portanto, que façamos uma escolha: ao refletir sobre a redução drástica das atividades industriais tradicionais, o aumento dos processos de automação e a substituição crescente do trabalho vivo pelo trabalho morto (com o conseqüente aumento do desemprego estrutural), diversos teóricos concluíram que o trabalho estaria perdendo sua força e já não preencheria mais as funções anteriormente a ele atribuídas, devendo ser gradativamente substituído por outras atividades mais suscetíveis de proporcionar ao homem possibilidades de realização e de inserção no espaço sócio-político.

Entre os incontáveis méritos da obra de Yves Clot, talvez o maior esteja no fato de trazer respostas decisivas para as questões levantadas por esses autores. Solidamente ancorado em uma vasta empiria e no referencial teórico proposto pela psicologia sócio-histórica, além das contribuições inestimáveis advindas das experiências de Ivar Oddone, na Itália, e da longa tradição francesa de análise do trabalho (Pacaud, Lahy, Faverge, Leplat, Wisner, Le Guillant), nosso autor se contrapõe, não apenas aos que falam mais diretamente do “fim do trabalho”, mas também àqueles que, de forma bem mais sutil, consideram-no apenas como uma atividade dentre outras. Assim, são os resultados obtidos durante longos anos de pesquisa que lhe permitem concluir que o trabalho não apenas continua a preencher uma função psicológica exclusiva – e que, portanto, não pode ser preenchida por qualquer outra atividade –, como mantém sua centralidade na sociedade contemporânea.

Cabe esclarecer que, longe de propor uma “religião do trabalho”, o que Clot faz é desvelar, gradativamente, seu papel insubstituível no desenvolvimento pessoal, na construção

¹ Editora Vozes, Petrópolis, 2006.

do próprio valor e na contribuição de cada um para a formação do patrimônio histórico-cultural humano. Trata-se, igualmente, afirma ele, de um espaço essencial para a construção da identidade e da saúde, pois é onde “(...) se desenrola para o sujeito a experiência dolorosa e decisiva do real, entendido como aquilo que – na organização do trabalho e na tarefa – resiste à sua capacidade, às suas competências, ao seu controle” (p. 59).

A obra de Yves Clot está dividida em três partes: na primeira, ele discute “(...) as concepções que hoje” participam “do dinamismo da psicologia do trabalho” (p. 18), refletindo, ao mesmo tempo, sobre as possibilidades de se dar continuidade à construção dessa disciplina. Ela desemboca, como ele próprio informa, na tentativa de definição da função psicológica do trabalho. Ou seja, ao final dessa parte, o autor tenta responder a uma questão decisiva para os rumos da disciplina: o trabalho forneceria ainda o material suficiente para uma psicologia? Ou mais especificamente: o trabalho exerceria uma função psicológica diferente daquela exercida por outras atividades?

O autor responde a essas questões, afirmando, de início, que o trabalho, além de merecer um estatuto inteiramente distinto entre as diversas atividades exercidas pelo homem, preenche uma função psicológica específica, na medida em que promove uma ruptura entre as “pré-ocupações” pessoais do sujeito e as “ocupações” sociais que este deve realizar. Trata-se de uma atividade que requer “(...) a capacidade de realizar coisas úteis, de estabelecer e manter engajamentos, de prever com outros e para outros algo que não tem diretamente vínculo consigo” (p. 73). O trabalho seria, em suma, “(...) um dos maiores gêneros da vida social em seu conjunto, um gênero de situação do qual uma sociedade dificilmente pode abstrair-se sem comprometer sua perenidade; e do qual um sujeito pode dificilmente afastar-se sem perder o sentimento de utilidade social a ele vinculado (...)” (p. 69). Ou seja, a função psicológica do trabalho residiria, sobretudo, no patrimônio “que ele fixa e na atividade (conjunta e dividida) exigida pela conservação e renovação desse patrimônio”. Estamos falando, portanto, de uma função vital, pois trata-se de uma atividade que é, simultaneamente, de conservação e de transmissão, envolvendo um duplo processo, de invenção e de renovação, no qual cada um se vê como sujeito e objeto (p. 80).

Para oferecer uma resposta mais completa às questões acima, Clot precisa desenvolver duas noções fundamentais: a noção de gênero e a de estilo de atividade. Ele define gênero como “(...) um corpo intermediário entre os sujeitos, um interposto social situado entre eles, por um lado, e entre eles e o objeto do trabalho, por outro”. Ou seja, o gênero “(...) sempre vincula entre si os que participam de uma situação, como co-atores que conhecem, compreendem e avaliam essa situação da mesma maneira” (p. 41). Trata-se de um “(...) sistema aberto de regras impessoais não escritas que definem, num meio dado, o uso dos objetos e o intercâmbio entre as pessoas; uma forma de rascunho social que esboça as relações dos homens entre si para agir sobre o mundo” (p. 50). Mas, acrescenta ele, “O gênero social, ao definir as fronteiras móveis do aceitável e do inaceitável no trabalho, ao organizar o encontro do sujeito com seus limites requer o estilo pessoal”. Esse seria “(...) o movimento mediante o qual esse sujeito se liberta do curso das atividades esperadas”, não pela sua negação, mas pelo seu desenvolvimento. Assim, a análise do trabalho nos permitiria explicitar “(...) a interioridade recíproca dos estilos e dos gêneros”, levando-nos a compreender que “(...) os estilos são a reformulação dos gêneros em situação” que, por sua vez, são “(...) o contrário de estado fixo”, sendo, portanto, sempre inacabados (p. 50). Enfim, “(...) a atividade não é somente um atributo da pessoa. A tarefa prescrita é redefinida pelos coletivos que formam e transformam os gêneros sociais da atividade vinculados com as situações reais. Eles delimitam gêneros de situação de trabalho, memória impessoal e instrumento, graças aos quais os sujeitos agem ao mesmo tempo no mundo e entre si” (p. 52).

Na segunda parte da obra, o autor discorre sobre a abordagem clínica da atividade, tomando como ponto de partida a análise do trabalho como atividade dirigida. Levando sempre em conta as situações reais com as quais tem se defrontado, Clot expõe os principais

métodos que desenvolveu no seu esforço de aproximação e de compreensão da atividade humana. Assim, o leitor poderá conhecer de perto a forma que ele aperfeiçoa e os instrumentos que utiliza, já adotados pela ergonomia, como a auto-confrontação simples e cruzada, além da instrução ao sócia, inspirada na experiência de Oddone, na Itália. A exposição desses instrumentos vem sempre acompanhada por uma ilustração de sua aplicação, o que irá, sem dúvida, facilitar seu uso pelos interessados.

A esse respeito, torna-se necessário expor aqui um desenvolvimento importante proposto por Clot ao refletir sobre as descobertas da ergonomia francesa. Ele reconhece a importância fundamental do tratamento dado por essa disciplina à tarefa prescrita e à atividade real, sendo que “a tarefa é aquilo que se tem a fazer e atividade, aquilo que se faz” (p. 115). Enfatiza sempre o papel decisivo dessa disciplina na fundação de uma verdadeira psicologia do trabalho na França, ou seja, uma psicologia voltada para a adaptação do trabalho ao homem, rompendo definitivamente com a perspectiva tradicional de adaptação do homem ao trabalho. No entanto, diz ele, o reconhecimento desse mérito não pode nos impedir de perceber na ergonomia uma limitação: ao analisar a atividade, ela não incorpora devidamente a dimensão da subjetividade. Clot propõe, então, que se acrescente às tradicionais dimensões do trabalho prescrito e do trabalho real, o *real da atividade*, isto é, que se ultrapasse a simples análise do que deve ser feito e do que efetivamente se faz, para incorporar as vivências internas do sujeito. Assim, deixa claro que a concepção de atividade por ele adotada “(...) só recobre de maneira parcial o conceito de atividade de trabalho geralmente em uso no âmbito da ergonomia”, uma vez que seu esforço é no sentido de “(...) especificar um conceito psicológico da atividade” (p. 65).

Para melhor expor o que pretende com a noção de real da atividade, ele recorre a Vygotsky, que diz: “O homem está a cada minuto pleno de possibilidades não realizadas” ou “em termos mais imediatos, o comportamento nunca é mais do que o 'sistema de reações que venceram” (p. 115). Aquelas reações que não venceram e que foram, mais ou menos reprimidas, formariam, segundo Clot, “resíduos incontrolados cuja força é apenas suficiente para exercer uma influência na atividade do sujeito, mas contra a qual ele pode ficar sem defesa”. Em suma, o “real da atividade é também aquilo que não se faz, aquilo que não se pode fazer, aquilo que se busca fazer sem conseguir – os fracassos –, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que se sonha poder fazer alhures” ou, o que é para ele um paradoxo freqüente, “aquilo que se faz para não fazer aquilo que se tem a fazer ou ainda aquilo que se faz sem querer fazer”. E tudo isso sem contar com o que é preciso ser feito (p. 116). Essa noção representa, a meu ver, uma contribuição importante para o enriquecimento da análise ergonômica, mas, acima de tudo, deve ser percebida como um recurso inestimável para a apreensão da dimensão subjetiva da atividade, sem a qual uma verdadeira Psicologia do Trabalho jamais poderia se efetivar.

Na terceira e última parte de sua obra, o autor também se apóia em uma vasta empiria para abordar um tema essencial para nós psicólogos, independentemente de nosso campo de ação: os problemas referentes à subjetivação, isto é, “em que condições a experiência profissional pode transpor as provas por que passa obrigatoriamente e, sobretudo, como são possíveis a transmissão e a renovação dessa experiência” (p. 19). Ele conclui suas reflexões dizendo que a psicologia do trabalho deve oferecer as bases para a resolução dessa questão. E mais do que isso, reafirmando que espera que essa disciplina, “(...) precisamente por ser uma psicologia do trabalho, [possa] contribuir com sua pedra para o edifício de uma psicologia do desenvolvimento” (p. 183).

Enfim, a apresentação desse autor ao público brasileiro não poderia ter ocorrido em melhor momento. Ao ser divulgado no Brasil, simultaneamente com *Le Guillant (Escritos de Louis Le Guillant – da ergoterapia à psicopatologia do trabalho)*, Yves Clot uniu-se, mais uma vez, ao seu predecessor (e grande inspirador), no esforço de construir uma psicologia verdadeiramente humana. Juntas, as duas obras, deverão nos ajudar a avançar, com mais

segurança, aperfeiçoando nossas práticas e tornando-nos cada vez mais capazes de responder às graves demandas sociais que batem às nossas portas.

Endereço para correspondência

bethalima@terra.com.br

Recebido em: 08/10/2006
Aprovado em: 09/10/2006